



As histórias de vida: pesquisa e ensino de história

Andréa Camila de Farias Fernandes

Doutora em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Biografia, História, Ensino e Subjetividades da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NUBHES-UERJ) e do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional (PNAP-FBN).

 <https://orcid.org/0000-0002-6599-3395>

Claudia Patrícia de Oliveira Costa

Professora da rede pública estadual do Rio de Janeiro. Doutora em História Social. Pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Biografia, História, Ensino e Subjetividades da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NUBHES-UERJ) e do Laboratório de Estudos em Ensino de História e Patrimônio Cultural da pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (LEEHPaC/PUC-Rio).

 <https://orcid.org/0000-0003-4535-5940>

 <https://doi.org/10.28998/rchv14n28.2023.0002>



É com satisfação que apresentamos agora o dossiê *As histórias de vida: pesquisa e ensino de história* e vemos o interessante conjunto de artigos que ele reúne. Pensar as potencialidades das histórias de vida para a pesquisa e o ensino de história tem sido um ponto constante de nossas atuações profissionais, e poder compartilhar isso com colegas de diversas partes do país, especialmente com aqueles que enviaram seus trabalhos para compor essa publicação, é uma alegria, sobretudo quando lembramos o período transcorrido entre o lançamento dessa proposta e o momento de sua publicação.

A chamada para esse dossiê aconteceu os idos de 2020, no momento de grandes incertezas que haviam se instalado após a decretação da pandemia de covid-19. Naquele contexto, marcado pelas instabilidades sociais, políticas e econômicas, provocadas pela emergência sanitária e pelo assustador e crescente número de mortes noticiadas dia a dia, pensar em histórias individuais ganhava novos significados. Se a chamada guinada subjetiva, das décadas finais do século XX, havia ressignificado o valor das narrativas biográficas para a História, a pandemia chegara para nos mostrar que estamos intrinsecamente ligados uns aos outros. Que o que acontece do outro lado do mundo pode sim ter impactos imensos aqui no Brasil e que nenhum ser humano é uma ilha.

A constatação inegável da fragilidade de nossas vidas vinha nos lembrar que somos únicos, mas que também estamos de alguma forma interligados e, nesse contexto, a valorização das agências históricas individuais se potencializava. Cada vida perdida para a covid-19 não era apenas uma vida, era toda uma história que se via abruptamente interrompida. Não por acaso, surgiram, naquele contexto, diversas iniciativas que tentavam recuperar as vozes e histórias silenciadas pela doença. Em terras brasileiras consideramos que a ação mais emblemática nesse sentido foi a criação do projeto *Inumeráveis*¹. Surgido como um memorial virtual, o projeto se encarrega, desde o ano de 2020, de publicar pequenos relatos biográficos sobre as vidas perdidas para a covid-19 no Brasil, lembrando a todo momento que “não há quem goste de ser número, gente merece existir em prosa”, que nenhuma individualidade pode ser

¹ *Inumeráveis* é uma obra do artista Edson Pavoni em colaboração com Rogério Oliveira, Rogério Zé, Alana Rizzo, Guilherme Bullejos, Gabriela Veiga, Giovana Madalosso, Rayane Urani, Jonathan Querubina e os jornalistas e voluntários que continuamente adicionam histórias à este memorial. As narrativas de vidas ali celebradas podem ser consultadas na página virtual <https://inumeraveis.com.br/>.

subjugada a um mero quantitativo estatístico, pois cada vida é única e insubstituível.

Foi nesse contexto que elaboramos nossa proposta. Proposta essa que pretendia abordar os múltiplos formatos e usos das narrativas de vida para o ensino de história, integrando abordagens que partissem de um estudo conceitual das chamadas “grafias de vida” (biografias, autobiografias, cartas, diários, entrevistas) para pensar possibilidades e abordagens para a construção do saber histórico, tanto no meio acadêmico quanto nas salas de aula da Educação Básica. Dessa forma, neste dossiê pretendíamos, e cremos que conseguimos, acolher trabalhos que discutissem questões que envolvem o(s) modo(s) de narrar e a razão dialógica no mundo contemporâneo, tendo como eixo condutor os usos do biográfico para a escrita e o ensino de história.

Nesse sentido, nos ancoramos nas relações entre as narrativas de vida e a construção de memórias e identidades, seus usos pela historiografia ao longo do tempo e as possibilidades de análise, estudo e usos no âmbito do ensino de história, considerando, como aponta Leonor Arfuch (2010), que, ao trabalharmos com histórias de vidas, em seus múltiplos usos e possibilidades, as vidas narradas devem ser consideradas mais do que um mero caso ou informante, por mais emblemático e arquetípico que este possa parecer, mas que os personagens dessas histórias de vidas devem ser entendidos sobretudo como interlocutores que muito podem nos auxiliar no entendimento de um determinado contexto político, histórico e/ou social, especialmente quando suas vozes são confrontadas com outras vozes. A partir dessa chave analítica, procurávamos ressaltar também que escrever – assim como ensinar e aprender – emerge como um ato político, como bem nos lembra Grada Kilomba (2019).

Assim, ao apostarmos na potência do biográfico como elemento gerador dos debates fomentados em torno desse dossiê, entendemos o recurso representado pela utilização das narrativas de vida como propulsor de discussões, a partir do que é singular e subjetivo, sobre tensões políticas e sociais que, certamente, perpassam a história. Essas contribuições adquiriram particular relevância a partir dos debates historiográficos encetados no contexto da chamada “guinada subjetiva” (Sarlo, 2007) e, posteriormente, do “giro decolonial” (Ballestrin, 2013), constituindo uma alternativa epistemológica não só à estrutura e à longa duração, como também às narrativas eurocentradas.

Tais debates em torno da guinada subjetiva e do giro decolonial permearam os estudos historiográficos mais recentes e abriram espaço para a revalorização das narrativas, retomando-se as relações entre história e memória por uma perspectiva que

as aproxima sem reduzi-las². Esse movimento de ênfase nas subjetividades tem produzido profícuos debates sobre as tensões entre memória e história, evidenciando as perspectivas pluridisciplinares para a escrita e o ensino da última. Trata-se de compreender os usos do passado por meio das memórias em sua dimensão política, analisando seus conflitos, disputas e negociações e, por conseguinte, evitando o enfoque dado à relação memória e história, a partir de oposições binárias como emoção/razão, subjetividade/objetividade ou específico/geral (Catroga, 2001, p. 39-40).

De acordo com Andreea Ritivoi, é especificamente na tensão entre o particular e o geral que somos capazes de aplicar a empatia. “Só podemos alcançar o significado de uma narrativa ou de uma experiência quando a aplicamos, no momento concreto da interpretação, à nossa própria experiência”, afirma a autora (Ritivoi, 2018, p. 30). Pensando por essa perspectiva, os artigos que integram esse volume trouxeram ricas possibilidades para que não só pudéssemos conhecer diversas “trajetórias de vida” em suas variadas dimensões, como também que pudéssemos pensar no potencial dos trabalhos com esse tipo de narrativa para a pesquisa e o ensino de história.

Na reunião desse conjunto universo diversificado, pudemos identificar alguns eixos temáticos, o que norteou a organização da ordem em que os textos se apresentam nesse dossiê. O primeiro é aquele que reúne os textos que analisam narrativas biográficas de professores, trazendo o tema do dossiê numa dupla interpretação. Este é o caso do artigo de Caio Correia Derossi, que analisa as narrativas autobiográficas de uma professora de História; de Altny Pranto, Samia Nascimento Sulaiman e Juniele Rabelo de Almeida, que discute as narrativas de vida e a carreira de professores, mobilizando a história oral e o uso dessas narrativas autobiográfica em cursos de licenciatura; e de Joelson de Sousa Morais, que busca compreender os sentidos e potencialidades das narrativas de histórias de vida na construção de um conhecimento de si no curso de Pedagogia.

O segundo eixo que identificamos foi aquele que apresenta reflexões sobre o protagonismo de mulheres em ações letradas. Esse é o caso do artigo de Elis Regina Barbosa Angelo, que reflete sobre a atuação de mulheres na literatura de cordel; de

² Fernando Sanchez Costa apresenta três marcos históricos, que balizam esse movimento: na década de 1960, a reivindicação de uma reflexão ética sobre as atrocidades cometidas durante a Segunda Guerra Mundial; na década seguinte, a busca por alternativas interpretativas aos modelos macro estruturados, destacando-se as aproximações entre história e antropologia, enfocando a memória social como elemento decisivo na fundação de identidades e, por último, as reflexões políticas acerca da memória coletiva, em especial naqueles países que experimentaram ditaduras ao longo das décadas de 1960, 70 e 80 (Sanchez Costa, 2009, p. 271).

Marina Mello, que analisa a atuação de mulheres negras na imprensa alternativa paulistana; e de Silvana Fernandes Mariz, que parte da escrivência de Esperança Garcia para pensar as possibilidades de uso das histórias de vida de mulheres negras escravizadas como fonte histórica e recurso pedagógico para aplicação das leis 10.639/03 e 14.164/21.

O terceiro eixo é aquele que chamamos de “vidas artísticas”, pois aborda narrativas de indivíduos que tiveram protagonismo nas artes no Brasil. Nele estão reunidos os artigos de Thiago Campos da Silva, analisando a história de vida e as sociabilidades do pintor negro João Thimoteo da Costa, e de Quésia Katuscia Gasparetto e Jean Jeiso Fuhr, analisando a história de vida do artista gaúcho Ernesto Frederico Scheffel a partir de seu relato autobiográfico.

O quarto eixo identificado é aquele que, ao nosso ver, mobiliza histórias de vida para pensar projetos pedagógicos. Esse é o caso do artigo de Isis Pimentel de Castro e Júlia Ribeiro Junqueira, que se baseia nas reflexões acerca dos usos da autobiografia de Mahommah Gardo Baquaqua como ponto norteador para análises vinculadas à reformulação do currículo de História do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, e do trabalho de Maíra Wencel Ferreira Santos e Cyntia Simioni França, que analisa o modo como crianças narram suas experiências nos espaços coletivos da cidade onde vivem.

Por fim, identificamos ainda um último eixo que aborda as narrativas biográficas e autobiográficas em projetos de construção de memória. Nele reunimos os artigos de Luiza Sarraf, que analisa a trajetória biográfica de Duque de Caxias nos livros didáticos de história aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) do ano de 2018, refletindo sobre a memória consolidada e suas relações com o conservadorismo no Brasil atual, e de Ana Carolina Machado, cujo objetivo é refletir sobre a incipiência de estudos de dimensão biográfica referentes às trajetórias artísticas na historiografia brasileira, especialmente de atores e atrizes, com foco específico na construção autobiográfica de Fernanda Montenegro.

Portanto, o conjunto de textos aqui reunidos, com análises tanto sobre as vidas ditas comuns quanto sobre as vidas célebres, não hierarquiza suas potências para a narrativa histórica e nos mostra que os usos do biográfico vão muito além da mera narrativa de uma história individual. Eles nos permitem problematizar e ressignificar memórias, provocar representatividades e, por que não dizer, (re)valorizar a construção do conhecimento histórico, especialmente em seu potencial pedagógico,

confirmando a afirmação de Sabina Loriga, de que “a biografia não é de modo algum uma forma de escrita egótica. Bem pelo contrário, é a ocasião de apreender a densidade social de uma vida” (2011, p. 219).

Referências

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.*, Brasília, n. 11, p. 89-117, ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So10333522013000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 4 out. 2020. <https://doi.org/10.1590/So103-33522013000200004>.

CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.

LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Tradução: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

RITIVOI, Andreea D. *Empatia, intersubjetividade e compreensão narrativa: lendo as histórias, lendo as vidas (dos outros)*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SANCHEZ COSTA, Fernando. La cultura histórica: una aproximación diferente a la memoria colectiva. In: *Pasado y Memoria: Revista de Historia Contemporánea*, n. 8, 2009.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.